

SUPLEMENTO
HUMORÍSTICO DE

O SÉCULO

Director: ACAEIO DE PAIVA

Propriedade de J. DA SILVA CRACA, Limitada



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Século, 43, — Lisboa

Cresce e aparece



O sr. Presidente:

— E agora, que completas dez anos, vê se começas a ter juizinho!...



PALESTRA AMENA

As gréves

N'isto de gréves, como em todos os conflitos, já o outro dizia que ha pessoas que tem razão e pessoas que a não tem; e ha ainda uma coisa que não ha em todos os conflitos e vem a ser o sofrer com as gréves quem para isso não foi visto nem achado, isto é, o grande publico, que, em ultima analise, é a unica vítima.

Muito bem, mas não é aí que queremos chegar; é a outro ponto, que já vamos expôr, e que nos obriga a dividir as gréves em duas classes: antipáticas e simpáticas. Assim, a gréve dos homens da limpeza, conhecida com mais propriedade por gréve do lixo, é profundamente antipática, como é antipática a gréve dos cocheiros, como é a dos medicos, etc. Agora, gréve simpática é, por exemplo, a dos «chauffeurs».

Qual a consequencia d'esta? A ausencia de automoveis nas ruas, não é verdade? Pois bem; essa ausencia é a nossa segurança, porque o numero de atropelamentos diminui consideravelmente, é o nosso aseo, porque a lama não salpica o arranjinho de quem tem de andar pelas ruas, é o bom funcionamento dos nossos pulmões, porque a fumaceira sufocante do motor não nos apouqueta, é a não-irritação da nossa

pituitaria, é até uma medida economica de primeira ordem, porque não funcionando os automoveis não temos a tentação de gastar um dinheirão em tal meio de transporte — não falando nos incidentes varios e repetidos, do estoirar dos pneumaticos, das «pannes», do passageiro ficar com os ossos n'um feixe, etc.

Pois muito bem: de todas as ultimas gréves que temos tido, tantas que até admira como alguém trabalhou durante esse tempo, a unica simpática, que era a dos «chauffeurs» — mais do que simpática: util e necessaria — foi a que durou menos tempo, a que se resolveu com rapidez! Ainda tivemos esperança, ao ver que os «saí-de-carro» secundavam o movimento negativo dos autos, que aqueles se demorassem na inactividade, livrando-nos durante mais alguns dias da sua presença incomodativa e anti-estética, mas nada: o eclipse de tais aventuras durou o que duraram as rosas de Malherbe, se é licito emparelhar uma flôr a um monstro.

E por aqui nos ficamos, porque a busina d'um automovel está soprando desesperadamente debaixo das nossas janelas e não nos permite continuar n'estas substanciosas considerações. Raios a partam!

J. Neutral.

Está salvo o teatro

Felizmente, estamos n'um paiz onde as idéas não faltam. Agora mesmo appareceu quem resolvesse a crise da falta de artistas teatraes, com a qual as emprezas estão ha muito lutando, como se depreende da seguinte noticia, inserta nos jornais:

«Foi superiormente proposto que se organice o cadastro de todos os actores e actrices existentes nesta data, e que se não possam passar de futuro,



a não ser a esses, novas licenças para o exercicio da profissão dramática senão a individuos diplomados com a carta do curso do Conservatorio de Lisboa ou que perante este estabelecimento tenham prestado provas para o exercicio da sua arte.»

Está, por consequencia, garantida a boa qualidade dos futuros artistas, sendo muito de lamentar que só agora se lhes ponha a marca do contraste; se no tempo dos nossos pais e avós o exame de habilitação ou o curso do Conservatorio fossem obrigatorios, já eles não tinham gramado insignifican-

cias como Taborda, Antonio Pedro, Emilia das Neves, Emilia Adelaide, etc., etc. porque ao apresentarem-se perante o juri apanhavam o seu «chumbo» que era um regalo.

Estão os senhores a ver a triste figura que faria o pateta do Antonio Pedro quando o sabio professor Castelo Branco, por exemplo, lhe perguntasse o que eram coturnos ou como se vestia o rei Sesostria, e os disparates que o mesmo idiota diria se o nosso Julio Dantas lhe perguntasse quem era a esposa do rei Edipo e porque razão este tinha arrancado os proprios olhos!

Ora até que emfim vamos ver representar com cabeça!

A cidade do lixo

Com perdão dos venerandos ossos de Alexandre Herculano, a cidade de marmore e de granito, que nunca foi, é agora a cidade do lixo e por muito tempo não será outra coisa.

—Mas isso é horrivel! exclama o leitor, mas vamos todos morrer por falta de hygiene!

N'isso é que se engana. Poderiamos confundir-lo imediatamente, fazendo-lhe notar que o porco vive perfeitamente na imundicie, que o esturme ajuda a viver as plantas, etc., e ficaria assim provado que o lixo não é tão mau como o pintam, mas não queremos enveredar por esse caminho; sigamos outro raciocinio.

O alfacinha, quando um dia regres-

son a casa e encontrou o caixote do lixo ainda á porta, estranhou; passados dois dias, quando viu que o lixo se amontoava na rua, apertou o nariz e protestou, com os seus botões; tres dias depois, como o lixo formasse montanhas, e ele não tivesse remedio senão passar-lhe por cima para entrar no predio, clamou em alta voz, barafustou e praguejou. Depois, o lixo foi-se amontoando e ele foi-se habituando, a ponto de nem já dar pelo mau cheiro; d'af a sorver o ar saturado de pestilencias, com prazer, com volupia,



medearam apenas quatro dias; mais quatro e o lisboeta media-se por gosto nos montes de lixo, chafurdava e deliciava-se. Por outra, o nosso homem, como qualquer outro organismo, foi-se adaptando pouco a pouco ao meio e criando funções novas, alimentadoras e não destruidoras da vitalidade. Engordou com a porcaria, habituou-se a ela, de modo que se ela lhe faltar repentinamente é de recear que não resista e morra, como o peixe fóra d'agua.

Parodiando uma conhecida frase, ouvida não nos lembra agora a quem, diremos que cada povo tem o lixo que merece.

Logares selectos

Cada um dá o que tem

O menino Abel Frazão,
Que é bondoso e gentil moço,
Stava sentado no chão,
Comendo as papas do almoço.

Dele se aproxima um gato
Acompanhado do filho:
Ambos se atiram ao prato,
Lambendo as papas de milho.

Mostra Abel, sorrindo os dentes,
E o seu prazer patenteia
Por ver os gatos contentes
Co' a barriguinha bem cheia.

Por seu turno os dois bichanos,
Em paga de tais carinhos,
Vão da despensa aos arcanos
Fazer caçada aos ratinhos.

Mostrando não ser ingratos,
Voltam correndo em tropel
E pespegam quatro ratos
No prato ao menino Abel.

Ao vê-lo chorar, porém,
Volve-lhe o gato apumado:
— Cada um dá o que tem,
Não é a mais obrigado.

De Alfredo de Moraes Pinto.



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Ispousa dum aujo.

Cá chignoi flismente a butes, pur cósa da grevia dus cambaios que mapañou nas alturas da Lamarosa ós pois de en ter embarcado in Xão de Massãs; vin pur i abacho i cá istou arrepi-to, pronto pró trabalho i pra furmar a fetura cumpanhia pró noço triatro.

Acim que chigui vim nus papeles que ce arrepsintava nu triato Nasinal um urjinal portuguez i buteime logo ós pullos de cuntente a emajinar que infin ia gusar alguma ovra prima du sr. Enrique de Mindonsa cujo este tiveçe cuncegido que le arrepsintavam uma das çuas 423 pessas. Inflismente nan era de ele aindas d'esta vez mas flismente era dun mansebo munto ispransoso xamado Durão i a pessa xamavace «Maria Zabel». Cumprei logo vilhete i lá fui acestir ó ceguinte que te vou isplisar poco mais ó menus. O sr. Munteiro istá munto apachonado pella menina Ister Lião, porque a criou de piquinina i de piquinino é que ce troce u pipino, mas nan quer casar cum ella porque é velho i porque cunhece oitra mulher xamada O'gusta Curdeiro i entre um lião i um curdeiro não á que isitar de mais a mais u lião é magro como um crapan de gato isfulado i u curdeiro é rexunxudo como ns noços bacros benzós Deus. Vai daim u sr.



Munteiro faz u casamento cum u sr. Freitas, que é nm caxopinho que cando falla ce pranta nus bicos dus pezes, i ós pois de ella casada é que nan istá cum mais iscrupulos i zás, istás a ver ó Zefa. Adiente.

N'este cunenos a tal O'gusta Curdeiro i a sr.^a Maria Pia, que é uma assambarcadoura de carnes d'alto lá cu serviso, vão a casa du Munteiro i a Curdeiro prantace a tuar Xopin cum duas vellas asezas, que é um grande agoiro. Retirance ambas i duas i entra u Munteiro que cunhece pellas vellas apagadas que ellas tinham istado asezas i que isclama ademirado:—Xeirame aqui a Xópin! O's pois entre o Lião que dessedin nan istar cum mais aqnelas porque si a carne é fraca u oço tamem n é i istá vai nan vai pra ce cunçumar o çacrefisio num sufá cando cumeeça a xeirar a cabelo queimado:—Vem ain u sr. Freitas, diz u Munteiro. Isconde-te, Lião!

O Lião vai pra dentro, entra u sr. Freitas muito aterapalhado i insarihhado porque as paredes du gavinete i us repnsteiros ção incarnados i diz que ce atira é Alvertina de Castro porque

EM FOCO

Tenente-coronel Raul Esteves



Como é o director, quem determina Tudo na linha pertencente ao Estado, Eu venho perguntar-lhe, apoquentado, Quando é que a grève d'esta vez termina.

Uma grande impaciencia me domina Não por ser atingido ou desfalcado, Mas esta grève, emfim, dá-me cuidado Mais do que se supõe ou imagina.

E' que enquanto este estado fôr durando Uns tipos que me saltam á canela E a quem deslombo lá de vez em quando

Tiram proveito e bom proveito d'ella, Porque não podem ir onde eu os mando, Porque não ha comboio até Palmela...

BELMIRO

esta tem us lávios bermelhos (istás a ver, a infloencia du bermelho nu ome). Sai u sr. Freitas, entra u Lião i «conçumatu esde» como diz u noço prior. Agora von paçar algumas coisas adiente porque istou munto aguniado cum u xeiro du licho que me entra pella janela i só te direi ca Ister Lião acim que le dizem cu marido tem uma amante de lavios bermelhos isclama:—Já cei, é a Alvertina! i que cando u Munteiro quer bisar a sena du «conçumatu esde» nan istá cum meias medidas i dale um tiro—pum!

Morre u Munteiro i logo aparesse a Curdeiro a dezer que foi ella cu matou i ós pois é pra sa i vai arresponder. Neste cunenos aquillo in casa du sr. Freitas istá mémo uma desgrassia; a lião nan come nada, u sr. Freitas pntou a cara de berde i prantou á roda dus olhos uma pintura a cravão tudo a fingir que istá muito apoquentado i então entra a sr.^a Pia e diz-le que pras dores de pau du ar nan á nada como uma vóa xasada.—Tome xá, dis ella. Nan tomo, dis elle. Afinal cempre toma algumas gutinhas ós pois d'um dialogo munto ispressivo in que a dita sr.^a Pia conta coisas in frente du sr. Freitas, a que elle arresponde, apuntando pró péto d'ella.—Sei o demasiado! Sei o demasiado!

A piada ó ceio da sr.^a Pia preduz munto efeto, já ce çabe i ós pois entra u Lião que tamem toma a çua xicra du xá velho du marido i ficam çósinhos ambos i dois.—Agora que fisionas fazer? pergunta elle. Vai ella:—Sa Curdeiro fôr abesolvida von pró Brazil cum ella. Mas afinal de contas ella é infetivamente abesolvida mas có a Curdeiro é que parte porque o sr. Freitas, cum medo ca mulher lá nu Brazil fas-

sa das çuas, arresolve ficar cum ella munto bem munto ubrigada i pronto: toca u clarim a reculler u maleço, quer dezer, acaba a pessa cum tonda a jente a rir munto que nem u «Sular dus barrigas» teve mais bom çcesso.

Cum isto nan te infado mais arresebe um bejo apretado du tê marido i isponso urrigado inté cando deus quixer.

Jerolmo,

Emprezario do Pauliteama de Peras Ruivas.

Torre de chifre

Abel e Caim

Que mal te fez teu irmão O' criminoso Caim Para assim lhe dares fim Trespassando-lhe o coração?

Era uma pomba sem fel O filho mais velho de Adão Não merecia essa aflicção O miseravel Abel.

Assim foi a humanidade Desde o principio do mundo, Sempre o odio mais profundo Em logar da amizade!

E se houve um mau Caim No principio do universo Que admira que seja perverso Agora que está no fim?!

Porto, 30-9-920.

Maria do Carmo Estrela.

CÁ E LÁ



— E depois, digam que só em Portugal é que ha malucos!